

**Imagens e instalações de resiliências:
o experimentar de uma professora da/sobre a EJA¹**

Katiuci Pavei, PPGAS/UFRGS/Brasil

Palavras-chave: Imagem, Educação de Jovens e Adultos, Antropologia Visual

Busco neste texto apresentar experimentações na produção de grafias como fotografia e instalação, criadas durante o ano de 2023, enquanto formas de expressão e comunicação, que foram engendradas no encontro etnográfico com as/os estudantes com os quais trabalho.² Parto da visão circunscrita pela minha experiência pessoal de professora e pesquisadora na área das Ciências Sociais na modalidade de ensino Educação de Jovens e Adultos do Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (CAp/UFRGS).

Como breve contextualização, a EJA (Educação de Jovens e Adultos), é uma política educacional voltada para a formação de sujeitos jovens, adultos/as e idosos/as, que retornam aos estudos depois da interrupção de suas trajetórias escolares na infância e adolescência. Tal modalidade de ensino possui três funções basilares: a reparadora, a equalizadora e a qualificadora. Assim nos explica a educadora Juçara Benvenuti:

A primeira se refere ao reconhecimento do direito civil dos jovens e adultos de acesso a uma escola de qualidade; a segunda relaciona-se à igualdade de oportunidades para inserção na vida social com mais preparo; e a terceira, se refere à educação permanente, com base no caráter incompleto do ser humano, cujo desenvolvimento pode ocorrer na escola e fora dela (Benvenuti, 2011, p. 63).

A EJA é a modalidade que recebe o menor investimento público³, cuja receita em 2014 era de R\$679 milhões e em 2020, R\$25 milhões, conforme o site Siga Brasil do Senado Federal. Apesar da alta demanda, uma vez que, a maioria da população brasileira não tem concluída a Educação Básica (aproximadamente 71,3 milhões de pessoas). Bem como, atualmente cerca de 11,4 milhões de brasileiros/as com mais de 15

¹ Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2024).

² Este texto aqui apresentado é desdobramento de atividades de ensino e de extensão realizadas desde 2018 e que foi relatada em periódicos (PAVEI, 2019a, 2019b).

³ Vale destacar que o atual Ministério da Educação (MEC) lançou no dia 6 de junho de 2024 o Pacto Nacional pela Superação do Analfabetismo e Qualificação da Educação de Jovens e Adultos, a fim ampliar os investimentos (R\$ 4 bilhões), ofertar 3,3 milhões de novas matrículas da EJA, retomar Programa Brasil Alfabetizado (PBA) com 900 mil vagas e distribuir 60 mil bolsas para educadores populares. (MEC, 2024).

anos não estão alfabetizados/as, de acordo com o Censo Demográfico 2022, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2023).

Conforme o Censo Escolar da Educação Básica (Brasil, 2023), em 2023 o número total de pessoas matriculadas na EJA era 2,5 milhões de brasileiros/as, desses/as, 2,3 milhões, na rede pública e cerca de 200 mil, na rede privada. Em sua composição a EJA em nível nacional tem como predominância pessoas com menos de 40 anos, que representam 65,1% das matrículas. Nessa mesma faixa etária, a maioria, 52,1% são alunos do sexo masculino. Em contrapartida, as mulheres compõem 59,2% das matrículas de pessoas acima de 40 anos. Observa-se que os alunos identificados como negros/as são prevaletentes nessa modalidade de ensino, representam 74,9% dos alunos, tanto no fundamental (77,7%) quanto no médio (70,7%), (Brasil, 2023).

Quanto ao grupo com o qual estava trabalhando, me relacionando e estudando, apresento apenas uma brevíssima descrição do corpo estudantil do CAp/UFRGS, cujas informações foram colhidas através de acesso às fichas de inscrição, conversas e observações em sala de aula. Esse colégio é da rede federal pública, que atende estudantes do ensino fundamental e do ensino médio de Porto Alegre e Região Metropolitana, cujo ingresso ocorre na EJA como fluxo contínuo (em qualquer momento do ano), com vagas universais e de políticas afirmativas⁴. Enquanto grupo social estudantil eu percebia um lado marcado pela diversidade (etária, de gênero, étnica, religiosa, laboral, de aprendizagens, entre outras). Durante o ano de 2023, começaram a frequentar as aulas cerca de noventa estudantes, com idades entre dezoito a setenta anos, sendo que a maioria possuía entre vinte e quarenta e cinco anos. Aproximadamente um pouco metade do corpo estudantil era composta por homens, havendo uma divisão equânime entre negros e brancos. Já dentre as mulheres, cerca de sessenta por cento, negras.

Quanto ao trabalho, observei principalmente trabalhadores/as do setor de serviços, com destaque às atividades relacionadas à limpeza, aos cuidados de terceiros, ao comércio principalmente com vendas e setor de alimentação. Havia trabalhadores/as informais ou autônomos/as, com destaque para a área de beleza ou de transporte (motorista de aplicativo). Uma parte era formada por empregados/as de empresas terceirizadas que fornecem serviços para a Universidade. Havia àqueles/as que no

⁴ Edital de vagas publicado no site da instituição <https://www.ufrgs.br/colégiodeaplicacao/>.

momento estavam desempregados/as, envolvendo quem estava procurando emprego ou que conseguiam se dedicar exclusivamente aos estudos (neste último caso são alunos mais jovens que ainda não procuraram ou não lograram êxito na inserção laboral). Quanto à renda individual mensal, a maioria recebia até dois salários-mínimos, sendo que quem se dedicava aos afazeres domésticos não recebiam remuneração. Quanto à religiosidade, a maioria se declarava de igrejas evangélicas, seguidos pelas religiões de matriz africana. Os/as alunos/as residiam em bairros (em grande parte marcados por violências territoriais) da zona leste de Porto Alegre, como Lomba do Pinheiro e Agronomia, neste último principalmente na vila Herdeiros; assim como moradores da cidade de Viamão, próxima à escola, já que o CAP/UFRGS se situa na divisa das duas cidades, dentro de um campus universitário. Uma questão que chama atenção na composição estudantil da EJA do colégio é a proximidade entre as pessoas, sendo que a maior parte relatava ter parentes, vizinhos e conhecidos em comum, tanto dos que estavam frequentando quanto de egressos/as. Alguns se afastaram ou foram afastados/as da escola há pouco tempo (um ou dois anos), geralmente como resíduo do ensino médio regular, enquanto outros por longo tempo (há mais de trinta); sendo que há casos daqueles/as que chegaram a voltar aos bancos escolares já na modalidade EJA, mas que novamente tiveram que sair.

É nesse contexto desafiador, que estudantes da EJA, enquanto cidadãos e cidadãs estão diariamente lutando pela efetivação do direito humano e fundamental à educação básica. Eles e elas buscam a garantia dos demais direitos interrelacionados, tais como: segurança, trabalho digno, moradia, saúde, não-discriminação, não-violências. Consequentemente são demandantes de políticas públicas intersetoriais que sejam eficazes para promover o princípio constitucional de “garantia do direito à educação e à aprendizagem ao longo da vida” (Brasil, 1988, artigo 206, IX).

O experimentar de uma professora da/sobre a EJA

Sentia que, para estabelecer uma relação dialógica na minha prática docente, precisava propor iniciativas que abordassem as percepções sobre o retorno à escola e ao cotidiano escolar, as diferentes motivações e compreensões do que é ser novamente estudante, bem como os desafios enfrentados nessa jornada. A escuta atenta dessas pessoas sobre suas trajetórias, suas tristezas e alegrias, bem como suas práticas de

resiliências⁵ frente aos enfrentamentos diários para estarem estudando e trabalhando (ou procurando trabalho), tendo uma gama de responsabilidades e de dificuldades, engendrou em mim muitas emoções corporificadas e um repensar sobre a minha prática docente.

Considerava essencial o meu envolvimento próximo e afetivo com essas pessoas, uma vez que fui aprendendo a ser professora e antropóloga com as/os estudantes. Como destaca o antropólogo Tim Ingold “os princípios de dar e receber (...) são fundamentais para a prática de trabalho antropológico. (...) um compromisso de aprender fazendo (...) levar os outros a sério” (2019, p. 12-13).

Enquanto princípios de uma prática que se aproxima de uma etnografia sensorial, conforme defende a antropóloga Sarah Pink (2007), busquei alguns objetivos, entre os quais a percepção de lugar(es) e a criação de lugares. Eu e as pessoas envolvidas tínhamos um lugar físico de encontro – o colégio – no qual coabitamos por algumas horas durante as semanas. Segundo o filósofo Edward Casey (1996), lembrada por Sara Pink (2007), estamos sempre localizados e o lugar é fundamental para nossa maneira de estar no mundo (assim como defendia Merleau-Ponty). Isso porque “*os corpos vividos pertencem aos lugares e ajudam a constituí-los*” e “*os lugares pertencem aos corpos vividos e dependem deles*” (Casey, 1996, p. 24 apud Pink, 2007, p.30). Sendo assim, Casey apresenta que o lugar não é estático e sim um evento, enquanto processo contínuo com poder de reunião de entidades animadas e inanimadas, assim como de experiências, histórias, pensamentos e, elástico, quanto às suas bordas externas e caminhos internos, porém coerente, isto é, são possíveis de serem lembrados e classificados por tipos, como no nosso caso local de estudo: o colégio.

Mas, vale destacar que, esse lugar, entendido como lugar etnográfico, não se resume ao espaço físico, e, sim, se estende para longe da intensidade e do imediatismo do local, que está emaranhado com trajetórias múltiplas. A ideia de lugar vivido e aberto invoca a questão inevitável de como eu estaria participando na produção e co-presente partilhando com os estudantes participantes das atividades de suas materialidades e implicada nas relações de poder estabelecidas (Pink, 2007). A noção de lugar, enquanto forma como vivemos e assim o ambiente, compreendido como uma rede emaranhada de

⁵ O termo resiliência aqui colocado (capacidade de superação de adversidades) vem de resposta de estudante em uma atividade que pedi que escrevessem em uma palavra o que a EJA significava em suas vidas.

eventos que vão *ocorrendo* ao longo das vidas das pessoas, sempre posicionando-as em movimento (Ingold, 2008).

Faz-se necessário pensar na minha colocação-localização nesse lugar – principalmente pelo exercício do duplo papel de pesquisadora participante e de professora. Afinal, estávamos inseridos – estudantes participantes e eu – em um contexto social, sensorial e material específico. Enquanto professora utilizei tempos de aulas para propor atividades direcionadas (questionamentos, escritas, conversas e produção visual), mas sem caráter avaliativo e explicando expressamente que as formas de conhecer e de compreender produzidas só seriam compartilhadas extra-encontro com consentimento, na tentativa de diminuir o quesito obrigação (para ter uma nota) e ampliar o interesse em participar. Esses encontros e ações foram baseados em dinâmicas de negociações, porém, não se pode deixar de registrar que estavam perpassados por relações de poder e construídas de forma específica, uma vez que, se tais atividades tivessem sido propostas por uma pesquisadora externa resultariam em produções provavelmente diferentes. Da mesma forma, o que senti e agora escrevo é resultado de um processo de criação e de representação de conhecimento sobre esses estudantes e sobre essa prática docente que se baseia nas minhas próprias experiências.

Esse processo também fez surgir a vontade de produção de visualidades para externalizar os meus e os nossos sentimentos e as minhas e as nossas reflexões sobre o próprio status social que a EJA e seu público discente tem no nosso país. Nesse campo, senti determinadas emoções de forma espontânea e ao mesmo tempo desejei provocar emoções nas pessoas que tivessem contato com a proposta imagética, sendo tais emoções “corporificadas, ou seja, visíveis”, como destaca a antropóloga Fabiene Gama (2016, p.142).

Conforme reflete a antropóloga Débora Diniz (2012), o encontro etnográfico que se dá no campo é decisivo para definições de roteiros (produção e montagem) de imagens, que envolvem as etapas de realização de projetos antropológicos.

As perguntas que guiaram a construção das imagens foram:

Como propor e criar - a partir de narrativas coletivas - ensaios visuais que provoquem experiências multissensoriais acerca de questões que envolvam diretamente o voltar a ser estudante de pessoas adultas que tiveram suas trajetórias escolares na educação básica interrompidas? Questões como: razões que fizeram com que as/os estudantes tivessem que parar de estudar; seus sonhos e motivações para retornar aos estudos; seus desafios cotidianos da condição trabalhadora e estudantil.

Como elaborar a construção de lugares (por meio da minha imaginação e das imaginações compartilhadas) que deem conta da representação de versões aproximadas das experiências das realidades das/dos estudantes?

Como eu, enquanto professora e pesquisadora, poderia utilizar-me da etnografia, como forma de “procurar compreender e interagir com o mundo de outras pessoas através da partilha de atividades, práticas e do convite a novas formas de expressão” (Pink, 2007, p. 9)? Para este fim, como articular os métodos de observação participante, entrevistas e outras abordagens como convite ao envolvimento reflexivo em práticas de colaboração como na produção de imagens, a serem desenvolvidos nos encontros (aulas e pós-aulas, outros momentos de socialização como exposições)?

Como extrapolar para além da sala de aula essas histórias que são individuais, mas que se encontram na coletividade de grupos sociais vulneráveis, por meio de uma proposta de ensino-pesquisa-extensão que valorize o envolvimento dessas pessoas e que evoquem suas experiências-saberes e práticas?

A partir dos relatos nos nossos encontros, que permearam essas inquietações, sentimentos e aprendizados, comecei a criar e a propor a criação de imagens e, por meio do sensível, fui experimentando produções visuais que tentassem abordar temáticas como a evasão e o regresso escolar; desafios da condição estudantil e trabalhadora; caminhada etnográfica no espaço escolar; autorretratos e auto narrativas estudantis. A proposta era dar a ver situações – pensar com e pelas imagens.

Assim como propõe a antropóloga Sylvia Caiuby Novaes (2012), a imagem incita discursos e problematizações. Sendo que ao potencializá-las junto aos/às estudantes, foi possível nós pensarmos-falarmos-expressarmos sobre seus lugares na educação e da própria escola, além dos seus olhares e relações no coletivo estudantil.

Pretendo socializar e pensar as imagens das séries, "Porque voltei a estudar", "Mesas Estudantis-Trabalhadoras", "Mãos Estudantis-Trabalhadoras" e "O que me arrancou da escola". Tais ensaios, apesar de serem de minha autoria, envolveram a participação ativa das/dos estudantes em diferentes momentos do processo, buscando desenvolver práticas e posturas que se aproximassem de uma antropologia compartilhada do cineasta e antropólogo Jean Rouch (1995, 2003), compõem o Projeto de Extensão Imagens e Retratos de EJA, um repositório digital e publicações das ações no Instagram (@imagens_e_retratos_eja)⁶.

⁶ O projeto é dividido em duas partes, sendo que na segunda o foco é nas/nos estudantes, enquanto criadores/as e executores/as de forma compartilhada da elaboração das narrativas visuais, direção e

O processo e os ensaios visuais

Para a realização desses ensaios visuais, a partir das narrativas orais e escritas estudantis (devidamente autorizadas e quando divulgado os nomes para dar os devidos créditos) fui imaginando instalações e usando o recurso de reconstrução de um lugar etnográfico físico-vivido-aberto-amaranhado e em movimento (Ingold, 2008; Pink, 2007; Casey, 1996): uma sala de aula de um colégio, performando elementos escolares como mesas-cadeiras, cadernos, quadro, bem como objetos representativos das temáticas abordadas. Ao pensar a sala de aula, com repertório de objetos e estruturas próprias, fui me aproximando de algumas referências mais comuns no Brasil, entendendo que não há um modelo universal desse tipo de instituição.

O uso da minha própria imaginação se deu na intenção de tentar trazer fragmentos narrativos e expressar de forma figurada ficcionais situações que procurassem aproximar-se da compreensão de como as/os estudantes vivenciam e lembram, evocando sentidos com o passado, o presente e o futuro dessas pessoas (Pink, 2007). Após montar cada cena fui retratando-a com o uso de equipamentos o celular e a câmera digital⁷. Os enquadramentos buscaram colocar dentro da imagem a organização espacial que geralmente é recorrente (cadeiras estudantis enfileiradas de frente a uma parede onde fica um quadro para anotações das/dos professora/es e mesa destas/destes).

Vale a pena explicar alguns cuidados éticos, pois, por tratarmos de muitas questões marcadas por dores e sofrimentos, algumas das narrativas visuais não constam com imagem de pessoas, são alegorias, pois eu não tinha a intenção de fazer reviver traumas. Já em outras imagens há a presença humana, mas de forma não-identificável, pois se tratava de questões gerais que extrapolavam a particularidade da pessoa convidada que aceitou participar da sessão fotográfica. Feitas as imagens, elas foram disponibilizadas às alunas e aos alunos, enquanto devolutivas, para aprovação antes das exposições (físicas e virtuais) e publicações.

registros fotográficos, escolha de suas imagens (fotos e vídeos), assim como escrita de textos sobre vivências e suas próprias produções, aproximando-se à antropologia de “câmera compartilhada” como prática da antropóloga Bárbara Copque (2003) buscando uma autorrepresentação fotográfica como nos estudos da antropóloga Fabiene Gama (2006). Os resultados foram as exposições “Quem você vê? Retratos da EJA” (retratos estudantis em estúdio montado na sala de aula) e “Narrativas sobre o estar sendo estudante” (nesta experiência estudantes levavam objetos representativos) realizadas no Colégio de Aplicação e que estão programadas para ocorrer também em outros espaços culturais da cidade de Porto Alegre.

⁷ A parte de projeto, concepção, direção e registro fotográfico ficou sob a minha responsabilidade. Como um projeto colaborativo, para realização desses ensaios visuais contei com o apoio da arte-educadora e artista visual Célia Regina Maschmann dos Santos e da bolsista de extensão Laura Aggens Schmidt (graduanda de História), nas atividades de registro, edição de imagens e montagem das exposições.

Portanto, para chegar na produção de projetos visuais, também foram acionados os demais sentidos, tornando também um projeto sensorial. Isto porque não há um enfoque exclusivo no apelo à visão, mas, o entendimento e compreensão de que os sentidos são interligados e inter-relacionados (Pink, 2007, p.2). Ao compor instalações – enquanto lugar construído - e tentar reproduzir por meio de objetos cenas do cotidiano ou memórias – fruto de exercício de imaginação - tais objetos traziam em sua materialidade e/ou na sua recepção/interpretação a invocação das demais modalidades ou categorias sensoriais.

Apesar de aqui listar um sentido inicial de entrada a visão, em cada imagem revelada no papel (foto) ou montada na versão tridimensional (instalação) invocava a sensorialidade múltipla. Fui percebendo essas constatações nos momentos de socialização durante as exposições, acompanhando os comentários e as reações que as pessoas estavam expressando, assim como, no próprio processo de construção quando os meus sentidos também foram sendo acionados movidos pelas memórias corporificadas perpassadas pelas subjetividades. Assim o duplo de - experiência e percepção sensoriais - foram atravessando nossos corpos nesses encontros etnográficos e práticas de expressividades, cujos resultados ficaram artísticos. Como uma espécie de jornada antropológica, unindo a arte e a antropologia. Por exemplo, nessa integração de subjetividades e sensorialidades, uma luva usada como equipamento de proteção individual no trabalho de limpeza que desperta o tato, também aciona o cheiro de produtos químicos, o som do trabalho, a lembrança do cansaço. Um bico de criança, que faz lembrar dos sons de choro ou risos, assim como dos odores pueris, do toque na pele, da lembrança dos filhos pequenos ou do cansaço do cotidiano de cuidados. Uma panela, desperta o paladar para comidas afetivas, assim como também para os cheiros dos ingredientes, que, para quem trabalha cozinhando geralmente causa enjojo e faz lembrar do esforço físico da preparação. Uma garrafa quebrada que evoca o cheiro de bebida, pode rememorar festas, assim como, conflitos familiares e experiências traumáticas movidas pelo excesso de álcool.

Sentidos, no seu duplo sentido: sensorial e sentimental, ambos aguçados e evocados, pois também sentimentos e emoções minhas foram sendo despertadas com o que fui observando, ouvindo, lendo e produzindo, tais como de tristeza, dor, raiva, impotência e compaixão diante da dor das/dos estudantes, assim como alegria, amorosidade, gratidão e esperança diante de suas superações e força de vontade. Ou

ainda frustração de quando não queriam participar das atividades e o respeito aos seus silenciamentos (afinal, era um convite).

Considero também importante destacar a recepção sensorial e sentimental/emocional expressada pelos/as estudantes e demais espectadores/as ao verem as fotos e instalações, destacando que tais interpretações da “estética do visível” são diversas, em níveis conotativos e denotativos, que são baseadas nas experiências pessoais, bagagem cultural, saberes, valores diferentes de/em cada pessoa, conforme o semiólogo Roland Barthes (1990). Como orienta Gama,

nenhuma antropóloga (visual ou não) é capaz de controlar a recepção e os usos do seu trabalho, ou mesmo uma “correta” compreensão do tema ou grupo estudado. O que podemos fazer é investir em meios de comunicação capazes de engajar as receptoras de nossos trabalhos de forma ativa na direção que desejamos seguir. (Gama, 2016, p. 144-145).

Por meio de falas emocionadas, que resgatavam histórias de vidas e destacavam os sentimentos de estar sendo estudante e a projeção de futuro; olhos marejados e choros, que expressavam tanto tristeza quanto orgulho de suas trajetórias quanto a empatia com as demais. A identificação de sua própria narrativa simbolicamente retratada “essa é a minha né professora” (quando o aluno Fabiano posou para tirar foto junto à imagem em uma exposição). Os entendimentos que as atividades foram importantes para apresentar suas dificuldades, como a aluna Alexandra e a dislalia provocada por questões familiares ou, ainda, a positividade da representatividade, como a narrada pelo aluno João e sua sexualidade.

Irei a partir de agora apresentar as imagens resultantes e comentar um pouco sobre cada proposta imagética.

Porque voltei a estudar

A proposta desse ensaio foi a de potencializar olhares que se cruzam: a EJA e a escola, reafirmando o lugar da instituição escolar como um lugar de esperança e uma possibilidade de reinvenção de si, de resgate de projetos e de realização de sonhos.

Essas pessoas buscam conquistar o certificado de conclusão da educação básica, para assim, a partir das aprendizagens diversas como a de ler, de contar, de escrever, de interpretar e de pesquisar, reconhecer seus saberes de experiências e acessar informações e direitos diversos. Nesse sentido engendrar a realização de outros planos, como um emprego com direitos e trabalho digno com remuneração adequada; a formação continuada em cursos técnicos e faculdades a fim de ter uma profissão; a autonomia financeira, que garanta nunca mais passar necessidades (como a fome) e ter

uma casa própria, em local seguro; uma mudança social, libertações de diversas formas, entre outros. Bem como, desejam a autorrealização (orgulho de si, conquista pessoal, exemplo para familiares e amizades).



Figura 1 Poder se formar e ter o ensino médio completo



Figura 2 Ter esperança de realizar sonhos



Figura 3 Conseguir ter orgulho próprio



Figura 4 Conquistar um trabalho digno



Figura 5 Ler e conhecer meus direitos de cidadão



Figura 6 Nunca mais passar fome



Figura 7 Conseguir comprar a minha casa



Figura 8 Ser exemplo para a família



Figura 9 Sentir-me livre

Na construção das imagens privilegiei a perspectiva da/o estudante, com o quadro docente na sua frente e a cadeira estudantil com o caderno aberto, no qual a/o estudante registra suas aprendizagens e habilidades, entendidas como potencializadas pela agência e intencionalidade dos indivíduos conforme a antropóloga Kathryn Geurts (2002 in Pink 2007). Em cima dos cadernos escritos um objeto adicional marcaria de forma simbólica o motivo do retorno aos estudos.

Mesas Estudantis-Trabalhadoras



Figura 10 Mesas Estudantis-Trabalhadoras



Figura 11 Construindo e consertando



Figura 12 Lavando e passando



Figura 13 Cuidando e criando

Esse ensaio fotográfico representa a condição trabalhadora de estudantes jovens, adultos e idosos da EJA, por meio de uma sala de aula na qual as mesas e cadeiras estão ocupadas por objetos (ferramentas e uniformes) que remetem a serviços, trabalhos e profissões, ao invés de materiais de estudo e uniforme escolar. No enquadramento foi pensada a sala de aula, a partir da visão das/dos professoras/as, com a organização espacial das cadeiras enfileiradas, assim como os corpos dóceis e disciplinados das/dos estudantes, como propõe o filósofo Michael Foucault (2014), com um quadro de recados ao fundo.

A ideia foi a de fazer um convite a reflexão sobre a presença do mundo do trabalho na vida de pessoas que retornam aos estudos nessa modalidade de ensino. Principalmente com aulas no turno da noite, após uma longa jornada laboral diária, a qual geralmente exercida em trabalhos precarizados e sem registro de carteira assinada que garantisse direitos sociais, muitos mantidos sob o discurso de “empreendedorismo”.

Tais como: auxiliares de limpeza, empregadas domésticas e/ou babás de crianças e/ou cuidadoras de idosos, trabalhadores de obra civil ou de reparos, cozinheiras/doceiras, entregadores ou motoristas de aplicativos, trabalhadoras de estéticas (manicures, cabeleireiras), entre outros. Bem como, em muitos casos, dias marcados também pela busca por trabalho/emprego por parte daqueles/as que estão desempregados/as/es. Além das atividades realizadas fora de casa, a de se somar às domésticas não remuneradas, usualmente sob a responsabilidade de mulheres.

Sobre essa questão de gênero, como já sinalizado em outras publicações das quais participei (Pavei e Mello, 2018, Pavei, 2019c), foi percebido durante o acompanhamento dos semestres que, além de ingressarem em maior número, os alunos eram que conseguiam se manter e, assim, concluir o curso. Muitas mulheres voltaram a estudar depois que seus filhos já estavam adultos “encaminhados na vida” ou, quando crianças, ficavam sob os cuidados de alguém de confiança. Porém, tais mulheres muitas vezes eram “chamadas” novamente para atividades extraescolares como prioridades: “por ser da EJA, novamente essa estudante é retirada da escola, mantida na condição de ‘trabalhar para alguém’, ‘cuidar de alguém’, ‘organizar e limpar por/para alguém’, entre outros” (Pavei e Mello, 2018, p.8). Observa-se observações cotidianas a interseccionalidade da opressão - de raça, gênero e classe – entendida pela estudiosa sobre raça a jurista Kimberlé Crenshaw, como “uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação” (Crenshaw, 2002, p. 177).

Conforme as narrativas dos meus alunos e das minhas alunas sobre seus enfrentamentos para voltarem a estudar, múltiplas são as dificuldades cotidianas para a manutenção de frequência nas aulas, que em muitos casos acabam resultando em nova evasão escolar (também na EJA), tais como: ainda impactos da pandemia da Covid 19, como aumento do desemprego e necessidade de trabalho (com horários que coincidem com as aulas); afazeres domésticos; cuidados com terceiros, adoecimentos, diminuição na oferta de transporte público e insegurança nos trajetos de ida e de volta do colégio.

Ademais, induz a pensar sobre a própria evasão escolar anterior, devido à necessidade de trabalhar precocemente, bem como, o risco de nova evasão presente, uma vez que os empecilhos e questões sociais que causam esse fenômeno permanecem no cotidiano de populações mais vulneráveis socioeconomicamente, marcadas pelas desigualdades e violências, que não possuem o certificado de conclusão da educação básica.

Mãos Estudantis-Trabalhadoras



Fig.14 mãos que estudam 1



Fig.15 mãos que trabalham 1



Fig.16 mãos que estudam 2



Fig.17 mãos que trabalham 2



Fig.18 mãos que estudam 3



Fig.19 mãos que trabalham 3



Fig. 20 mãos que estudam 4



Fig.21 mãos que trabalham 4

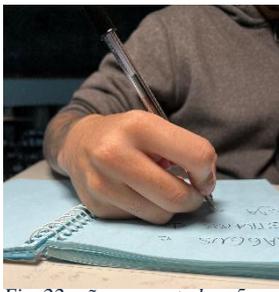


Fig. 22 mãos que estudam 5

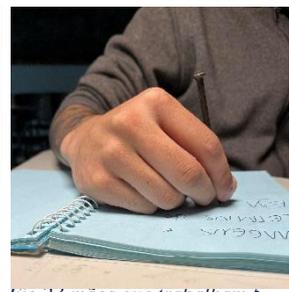


Fig.23 mãos que trabalham 5

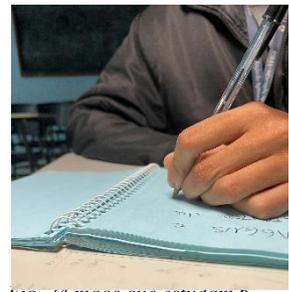


Fig. 24 mãos que estudam 6



Fig.25 mãos que trabalham 6

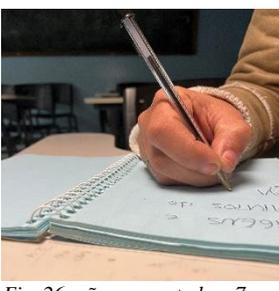


Fig. 26 mãos que estudam 7



Fig.27 mãos que trabalham 7

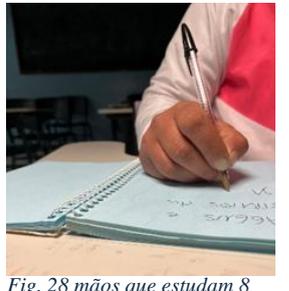


Fig. 28 mãos que estudam 8



Fig.29 mãos que querem trabalho

Esse ensaio fotográfico busca representar o desafio de ser simultaneamente estudante e trabalhador/a, mobilizando essa reflexão por meio do registro de mãos de alunos/as da EJA. Mãos essas que agora seguram canetas e registram em seus cadernos escolares novas aprendizagens, mas, que também são mãos que trazem marcas de ofícios e saberes laborais, representados por objetos de trabalho. Ou, ainda, mãos buscando, por meio da conclusão de estudos fundamentais, conquistar um emprego com direitos garantidos e trabalho digno.

O enquadramento privilegiou a vista da/do docente em relação às suas alunas e aos seus alunos escrevendo.

O que me arrancou da escola



Figura 30 FOME



Figura 31 CARESTIA

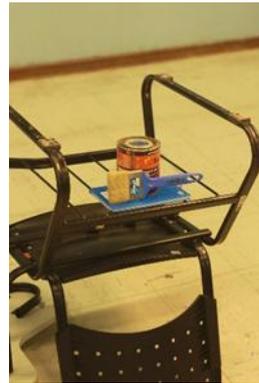


Figura 32 TRABALHO



Figura 33 CUIDADOS



Figura 34 AFAZERES DOMÉSTICOS



Figura 35 CONFLITOS FAMILIARES



Figura 36 USO ENTORPECENTES



Figura 37 ENCARCERAMENTO



Figura 38 DEPRESSÃO



Figura 39 PANDEMIA



Figura 40 VIOLÊNCIAS



Figura 41 RACISMO

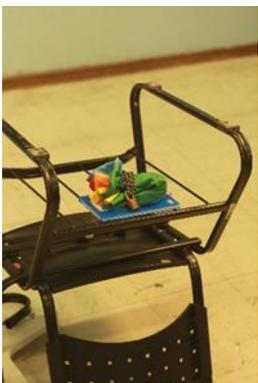


Figura 42 LGBTFOBIA



Figura 43 REPROVAÇÕES



Figura 44 ESTIGMAS

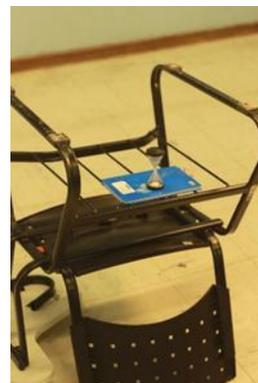


Figura 45 FALTA TEMPO

Na construção dessas imagens imaginei uma arquitetura escolar hostil, assim, na sala de aula (identificada pelo piso e rodapé) a cadeira estudantil foi colocada virada e sobre ela o caderno escolar fechado, sendo que acima dele (e não o deixando abrir) o peso de objetos representativos que serviram de impeditivos para a continuidade de estar sendo estudante. A repetição do enquadramento serviu para pontuar assuntos diversos, porém dentro do mesmo campo semântico temático.

Busquei com essas imagens refletir sobre os múltiplos motivos sociais que arrancam crianças e adolescentes das escolas. Razões que extrapolam às vontades individuais das pessoas vitimadas pelo processo de evasão escolar, pois são marcas estruturais de desigualdades, como: necessidade de trabalho (infantil-adolescente) para subsistência em face à fome, carestia e ao endividamento, afazeres domésticos (somada à proibição do gênero feminino de continuar estudando), cuidados com os filhos pequenos e familiares mais idosos ou pessoas com deficiências, questões de saúde física e mental (incluindo a pandemia do Covid-19) própria ou envolvendo terceiros sob responsabilidade, o consumo de entorpecentes, as violências domésticas e públicas (incluindo a perda de pessoas próximas), o encarceramento, as práticas preconceituosas e discriminatórias (racismo, sexismo, capacitismo, lgbtfobia, gordofobia), escolas excludentes, que reproduzem estigmas e desigualdades, sem oferta de atendimento especializado, que promovem múltiplas reprovações, enfim, resultando na falta de tempo para dar conta de tantas demandas concomitantes. Esse ensaio, aqui em parte apresentado, continua sendo construído, pois nas nossas conversas e apresentações, outros assuntos foram sendo compartilhados e nas instalações novos elementos vão sendo agregados, como o trabalho infantil rural, a intolerância religiosa e a enchente que estava assolando a região, entre outros.

Como indica a antropóloga Fernanda Rechenberg (2014, p. 21): “As fotografias e as práticas do fotografar são, para usar uma expressão cara ao pensamento antropológico, (...) ‘boas’ para pensar a relação entre a classe social, raça, poder econômico e político”.

Assim como, alertava a filósofa Susan Sontag (1983, 2003) sobre a produção e o uso de imagens fotográficas com o respeito ético sobre o que e quem estava sendo retratado, propus um convite, pois não se trata de uma ode ao sofrimento do outro, mas uma sensibilização, a fim de usar a potência que as imagens têm para tirar do estado anestésico de culpabilização individual. Nas narrativas iniciais alunos/as/es contavam que eram escolhas suas terem interrompido a trajetória escolar anterior: “eu larguei o

colégio”, “fui eu que desisti”, “eu saí da escola” e, por isso, a maioria até então indicavam que mereciam a condição de vida que estavam levando. A intenção foi de tentar mudanças desse olhar negativo de si, por acreditar assim como Ingold (2018) que a antropologia pode ter também o objetivo educativo de transformar vidas das pessoas com as quais trabalhamos e da nossa. Ideia semelhante à própria prática docente do educador Paulo Freire (1981,1992): de esperançar enquanto verbo de ação para a mudança social via coletividade e consciência de condição social de pessoas oprimidas marcadas pelas feridas de classe, de raça e de sexo que a sociedade capitalista produz.

Lançando-se além ...

Essas imagens das quatro séries aqui apresentadas foram compondo exposições fotográficas e em alguns casos, também instalações remontadas, somadas aos manuscritos estudantis organizados em forma de painel (com mini retratos) e vídeos (contando suas histórias escolares) de estudantes, realizadas em diferentes espaços culturais da cidade de Porto Alegre: Espaço Força e Luz Érico Veríssimo, Mostra interativa do Salão da UFRGS e Pinacoteca da AJURIS, sendo que nas três ocasiões com a apresentação de estudantes para falarem sobre si e suas histórias, pois foi junto com elas/eles que consegui realizar essas produções. Também a convite da comissão organizadora do Congresso da Associação Latinoamericana de Antropologia fiz a montagem da instalação física e uma performance durante a VII ALA em Rosário na Argentina, bem como participei da mostra de fotografia etnográfica documental.



Figura 46 Pinacoteca da AJURIS – Exposição O que me arrancou da escola



Figura 47 Espaço Força e Luz – Exposição Condição de Estudo-Trabalho: desafios da EJA



Figura 48 Mostra interativa do Salão da UFRGS – Imagens da EJA

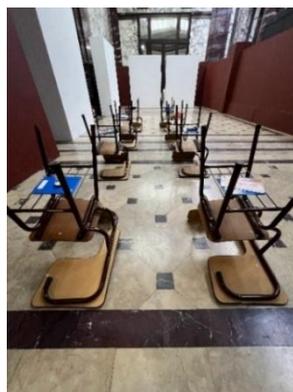
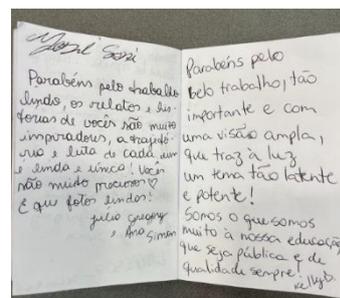
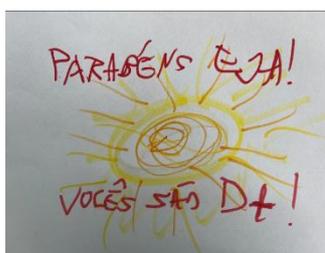
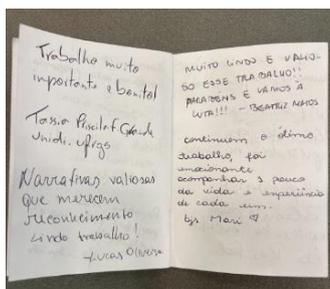


Figura 49 VII ALA – Instalação O que me arrancou da escola

Outrossim, a agência de recepção e interpretação de outras pessoas que não eram as/os estudantes participantes, que em seus comentários destacaram que tal objeto ou imagem lembraram suas histórias de vida (como uma colega que conheci na VII ALA e contou que tinha sido uma aluna egressa da EJA e que agora era antropóloga; outras professoras da modalidade de ensino e a empatia pelas suas e pelos seus estudantes ou ainda, outras pessoas que relataram ter vivido questões parecidas como conflitos familiares, etc.). Estar junto e acompanhando essas recepções diversas também me deixaram emocionada, por perceber como podemos com nossas produções atingir as outras pessoas, assim como, dependendo do lugar e do ponto de vista a compreensão também é alterada, como nos orienta Gama (2016).

Como uma forma de se aproximar ainda mais das pessoas que visitaram as exposições e provocar interação, foram colocados cadernos de registros de impressões e de recados para as/os alunas/os e, quando possível, o convite se estendia a sentar na cadeira-escolar, a fim de provocar o estar e se sentir no lugar de estudante. No retorno, ao lermos juntas/os no colégio mensagens de apoio, reconhecimento, de respeito e admiração, escritas e desenhadas por pessoas de diversas idades, muitas emoções positivas foram expressas de forma coletiva.



Figuras 50, 51, 52 - cadernos de registros

Lamentavelmente, devido à enchente que assola a cidade de Porto Alegre e o estado do Rio Grande do Sul, algumas exposições já aprovadas estão com as datas de abertura indefinidas, a saber: Museu de Antropologia do Rio Grande do Sul (MARS), Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA) e na Galeria Olho Nu do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFRGS.

Por fim, vale registrar que, movida pela força coletiva dessa ação, lancei-me a retomar neste ano a minha trajetória acadêmica, ingressando no curso de doutorado junto ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sob a orientação da professora Fabiene Gama (NAVISUAL).

Neste texto, busquei apresentar fragmentos de uma proposta docente-educativa que envolveu estudantes em atividades que evocassem reminiscências, narrassem condições cotidianas e projetassem futuros desejados, por meio da reflexividade. Assim como no próprio ofício da antropologia de produzir reflexão, se auto pensar e produzir materialidade (Ingold, 2015).

O meu envolvimento junto com estudantes na relação educacional que gerou o processo de exercício de conhecer histórias de vida, imaginar imagens a partir das narrativas socializadas, eleger fotos do outro que pensasse situações e evocassem assuntos. Tal ideia se estendeu em um projeto que a autora se colocou no lugar de imaginar na prática lugares, cenas e performances que pudessem gerar alguns sentidos sobre o passado, o presente e o futuro dessas pessoas, interrelacionando memória e sensorialidades individuais e coletivas.

Nesse sentido, fez-se surgir um trabalho de campo no qual se buscou aproximar-se também a uma etnografia sensorial, que provocasse experiências sensoriais corporificadas e que fossem agência de conhecimentos outros, levando em conta de eu estar imersa e os/as estudantes imersos/as em um ambiente/lugar/espço social, sensorial e material específico, marcado por relações de poder e por circunstâncias que afetaram as imagens aqui apresentadas e que, em outras relações e contextos outras imagens seriam produzidas.

Ao final, acredito que me lancei em uma jornada antropológica, deixando-me criar (como a arte) e dissolver a criação (como a antropologia).

Referências

- BARTHES, Roland. **O óbvio e o obtuso**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1990.
- BENVENUTI, Juçara. **Letramento, Leitura e Literatura no Ensino Médio da Modalidade de Educação de Jovens e Adultos: uma proposta curricular**. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada). Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2011. 392 f.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**, 1988.
- BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Censo Demográfico 2022**, DF: IBGE, 2023.
- BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). **Resumo Técnico: Censo Escolar da Educação Básica 2022**. Brasília, DF: Inep, 2022.
- BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). **Resumo Técnico: Censo Escolar da Educação Básica 2023**. Brasília, DF: Inep, 2023.
- CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, v. 10, n. 1, p. 171–188, jan. 2002.
- COPQUE, Barbara. “Família é bom para passar o final de semana”. In: **Cadernos de Antropologia e Imagem**, v.17. Rio de Janeiro:UERJ, 2003.p. 265-279.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2014.
- GAMA, Fabiene. **A auto-representação fotográfica em favelas: Olhares do Morro**. Dissertação (mestrado), Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Pós-Graduação em Ciências Sociais. Rio de Janeiro, 2006. 144 f.
- GAMA, Fabiene. Sobre emoções, imagens e os sentidos: estratégias para experimentar, documentar e expressar dados etnográficos. **RBSE Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, v. 15, n. 45, p. 141-157, dezembro de 2016. Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/rbse>, acesso em 03 jun. 2024.
- INGOLD, Tim. Pare, Olhe, Escute! Visão, Audição e Movimento Humano, **Ponto Urbe**, 3. 2008.
- INGOLD, Tim. **Antropologia. Para que serve?** Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2019.
- MEC. Ministério da Educação. **MEC lança pacto nacional para valorização da EJA**. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/noticias/2024/junho/mec-lanca-pacto-nacional-para-valorizacao-da-eja>. Publicado em: 06/06/2024. Acesso em 07 jun. 2024.
- NOVAES, Sylvia Caiuby. A construção de imagens na pesquisa de campo em antropologia. **Illuminuras**, Porto Alegre, v. 13, n. 31, p.11-29, jul.(dez. 2012).
- PAVEI, Katiuci; MELLO, Pedro Dionizio de. Discutindo desigualdades de gênero no mercado de trabalho em uma turma de EJA. **Revista Café com Sociologia**. v.7. n. 3, ago./dez. 2018, p.10-16.

- PAVEI, Katiuci. Visualidade e visibilidade da EJA do CAp/UFRGS. **Revista Cadernos do Aplicação**. UFRGS. v. 32 n. 2 (2019a). p. 101-110.
- PAVEI, Katiuci. Visualidades da EJA do CAp/UFRGS: registros de um processo criativo. **Revista Perspectivas em educação básica**, v. 3, (2019b) p. 220-227.
- PAVEI, Katiuci. Múltiplos lugares da Sociologia na Educação de Jovens e Adultos: relato de experiência do Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. In: Cristiano das Neves Bodart; Roniel Sampaio-Silva. (Org.). **O Ensino de Sociologia no Brasil**. 1ed.Maceió: Café com Sociologia, 2019, v. 2, p. 155-178.
- PINK, Sarah. **Doing Visual Ethnography**. London: Sage, 2007.
- RECHENBERG, Fernanda. Notas etnográficas sobre o retrato: repensando as práticas de documentação fotográfica em uma experiência de produção compartilhada das imagens. **Cadernos de Arte e Antropologia**, Vol. 3, nº 2/2014, pag. 9-22
- ROUCH, Jean. The camera and the man. In: FELD, Steven (ed.). **Ciné-ethnography**. Minneapolis, London. University of Minnesota Press, 2003.
- ROUCH, Jean. Entrevista com Jean-Paul Colley. **Cadernos de Antropologia e Imagem** 1. Rio de Janeiro, UERJ, 1995.
- SENADO FEDERAL. Siga Brasil: **Orçamento**. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/orçamentosigabrazil>. Acesso em 01 maio 2023
- SONTAG, Susan. **Sobre a fotografia**. São Paulo, Companhia das Letras, 1983.
- SONTAG, Susan. **Diante da dor dos outros**. São Paulo, Companhia das Letras, 2003.